

Realidades do Absurdo

*[contos do futuro incerto e
do presente improvável]*

Realidades do Absurdo

*[contos do futuro incerto e
do presente improvável]*

Mauricio Duarte

Rio de Janeiro
2016

Todos os direitos reservados a Mauricio Antonio Veloso
Duarte (Sw. Divyam Anuragi).
Proibida a reprodução, armazenamento ou transmissão de
partes deste livro a partir de quaisquer meios, sem prévia
autorização por escrito do autor.

Sumário

[O futuro incerto]

A magia por testemunha	6
Truculências da morte: essa nossa eterna companheira	15
Hirochi	20
Merda	28
Afinal é o fim do mundo sim, mas nem tudo está perdido.....	34
Dias passados de um futuro esquecido	39

[O presente improvável]

A pedra	46
Mundos espirituais	53
Se Deus existe é o fim do mundo e se Deus não existe também	59
Raça de Deuses	66

[Notas]

<i>Contexto dos contos</i>	75
----------------------------------	----

[Biografia do autor]

<i>Mauricio Duarte</i>	76
------------------------------	----

À
minha mãe,
Joseilda Veloso Santos Duarte,
à minha irmã,
Alessandra Veloso Duarte
e ao meu pai,
João Duarte Pinheiro.

[O futuro incerto]

A magia por testemunha

Da janela do enorme trem de ar, eletro-foto-voltaico, o delegado Sófocles Mor avistava a mega cidade. O reino de Vera Cruz do Brasil fora unificado em 2999 por Dom Hermano de Roldão e o lugar era sua joia mais rara desde aqueles já distantes tempos. Localizada onde outrora se erguia o município do Rio de Janeiro, a conurbação – melhor dito assim – surgira do encontro de municípios vizinhos que se agigantaram tanto, que da continuidade dessas cidades nascera a megalópole de Santelmo.

O oficial da polícia de meia-idade sabia que aquilo era uma armadilha. Quando havia sido designado como investigador para um caso que mal conhecia numa cidade onde só tinha estado duas vezes na vida, era lógico que algo estava errado, muito errado. Os figurões de Bhar´host, a capital do reino certamente estavam querendo, mais uma vez, minar as forças do Arcano 18, movimento do qual o chefe de polícia era signatário. Segundo a carta de intenções do movimento, seus integrantes se prontificavam em usar a magia apenas para fins altruísticos e do bem comum em geral, defender a democracia a todo o custo e sob todas as circunstâncias e instâncias. Mas muitos nutriam um ranço enorme contra qualquer coisa que se ligasse à arte maior. E eram esses que esperavam que Sófocles falhasse.

O assassino em série que já havia feito doze vítimas em Santelmo era o caso. A julgar pelas vítimas, o criminoso só poderia ser um fanático

religioso que se insurgia contra a prática de magia no mundo. Sófocles lembrava muito bem como tudo aquilo havia começado: O reconhecimento da força dos cristais -- como ametista, topázio, rubi, e outras -- eram simples pedras preciosas ou nem isso para o homem do século 21 e como isso havia mudado desde que Dom Von Brauer, o famoso mago e estudioso codificara e catalogara grande parte das jazidas de cristais místicos recém encontradas. A partir dali, tinha sido um passo para o conhecimento, há muito esquecido da feitiçaria cerimonial, surgir no mundo.

Tirou os olhos da janela e caminhou para fora do seu compartimento, indo em direção do bar no trem, local de acesso geral dos passageiros. Precisava limpar a garganta e nada melhor do que um drink para isso.

Estava bebendo seu copo de whisky quando surpreendeu-se com uma moça jovem, muito bem vestida e maquiada que o olhava insistentemente

— Tem alguma coisa para mim? — perguntou o homem aproximando-se.

— Sim. — Sorriu maliciosamente a mulher. — Aqui está. — disse estendendo um pacote para as mãos de Sófocles.

— O que é? — perguntou ao receber o embrulho.

— O que é o que? Oh meu Deus... eu... quero dizer... estava falando com o senhor? Oh... estou tão confusa. — mudando o semblante na mesma hora em que passara a entrega, a moça agora não exibia nenhum traço da malícia de alguns segundos atrás.

— Não foi nada. Não se preocupe. Venha aqui para o bar. Tome um copo d'água. — disse o investigador que sabia exatamente o que tinha se passado. Sabia como essas coisas funcionavam. Um leve encantamento,

encantamento, de uma distância segura, havia sido realizado para que a “mula” efetuasse uma entrega para a pessoa desejada, no caso o próprio Sófocles. Mas a vítima do passe de mágica não se lembraria de nada quando fosse feita a entrega. E o operador certamente não estava mais nas imediações. Indução pós-hipnótica diriam alguns estudiosos céticos; magia pura, diriam outros, devotos da magia.

Quando viu que a moça estava melhor, aceitando que não podia se lembrar do que havia ocorrido nos últimos minutos; Sófocles apressou-se em voltar para o seu compartimento para ver do que se tratava a entrega. Ao abrir o pacote, ficou ainda mais intrigado: chips de visualização holográfica. Pôs os óculos 3D e pôs-se a vislumbrar o conteúdo daquilo. Nada mais, nada menos do que a conversa com o chefe Kairós Plexo, quando Sófocles ficara sabendo do caso em questão, estava gravada na holografia. Mas como? Como o assassino tivera acesso a isso? No final da apresentação, o que o homem de investigação já esperava, uma ameaça: “Você é o próximo.”

Depois de ter completado a viagem de trem, Sófocles Mor subiu em seu mini-planador foto-voltaico que costurou o ar por cima da imensa avenida que dava para o portão da delegacia. Devia ter vindo a pé, pensou o homem após dar-se conta que já tinha chegado em seu destino. “A pé eu poderia sentir as ruas, o sabor azedo de suas ruas imbricadas por ruelas repletas de crueldade, suor, lágrimas e sangue.” Concluiu seu pensamento.

Eram essas ruas, o berço perfeito da criminalidade. O que outrora tinha sido a grande esperança no futuro, hoje, no ano de 4015, não passava de um arremedo do sonho de Vera Cruz do Brasil. Os da primeira classe quase não tomavam conhecimento dessas partes. Estes circulavam apenas pelos grandes condomínios e casas comerciais de luxo

do show business, das autoridades políticas e dos oficiais administrativos e das forças armadas. Sempre com créditos suficientes para uma rápida saída do “bunker” onde estavam para outro “bunker”.

— Fez boa viagem, Sófocles Mor? — indagou o oficial Clisóstemes Grasso, seu superior imediato na corporação policial e também membro do Arcano 18, quando viu o homem adentrar à delegacia.

— Sim, muito boa viagem. Obrigado por perguntar. — respondeu rapidamente e sem pestanejar, Sófocles. Notando que sua resposta imediata havia sido sucedida por uma reação intempestiva do colega ou, senão, tinha a resposta provocado mesmo, um ligeiro atordoamento e irritação no semblante de Clisóstemes, o homem fechou-se em meditação.

O dia passou-se num imenso e caudaloso desfilar de papeladas e protocolos mil que Sófocles conduziu da melhor maneira que pôde. Ao findar aquela etapa, achou que o crime era muito peculiar a alguém com um bom nível. O assassino deixava uma única assinatura identificável entre as inúmeras formas de matar: a morte por asfixia. E todas as suas vítimas eram magos e sacerdotes ou sacerdotisas mágicos. Porém, por incrível que possa parecer, os corpos das vítimas não aparentavam sinal de luta, violência, sufocamento, nada. O emprego de algum artefato mágico poderia ser aventado de maneira bastante incisiva, no entanto, se o criminoso era contra o uso de magia... como poderia ser? Magos tem inimigos e, por vezes, numerosos. Talvez essa investigação estivesse sendo conduzida erradamente.

Ao final da semana, nenhuma conclusão havia sido tomada pela equipe policial. A população já começava a levantar rumores e hipóteses. Diziam tratar-se de um lobisomen, outros diziam que era um vampiro e, outros ainda, que só poderia ser um chupa cabras alienígena. Num mundo onde não existia a magia, tais prosódias eram imediatamente pas

sadas por piada com um inevitável riso. Mas num mundo onde a magia existe, a imaginação grassa solta e todos são construtores latentes do imaginário de suas egrégoras. Por mais estapafúrdias que fossem as suas opiniões e por mais sem influência que uma pessoa fosse, qualquer frase dita sem a devida reflexão “empurrava” a realidade para uma outra posição. E se isso era verdade em se tratando de um cidadão comum, mas verdade ainda tornava-se em se tratando de um chefe de polícia. Por isso, Sófocles Mor que conhecia bem os meandros de todo aquele novo mundo de feitiços, rituais e muita atitude mística, não deu nenhuma declaração à imprensa, deixando essa incumbência apenas para os oficiais de Santelmo que já tinham o traquejo com situações como essa.

Sozinho à noite, no seu quarto, Sófocles já tivera três imersões holográficas com a sua esposa, tentando tranquilizá-la, dizendo que tudo acabaria bem, que logo o caso teria um fim e seu marido voltaria para casa são e salvo. Mas não era bem isso o que tinha em mente. Planejava uma ação perigosa, muito arriscada que no fim, poderia dar certo e revelar o assassino. Já que esse tal criminoso queria a sua pele, o homem se daria como isca numa armadilha. Mas essa armadilha seria nos termos do policial e não nos do malfeitor.

— Vamos ver, vamos ver. — dizia para si mesmo enquanto consultava os arquivos virtuais do Grimório de Acalanto na visualização holográfica com os óculos 3D. — O antigo ritual do resgate do anel de força. Sim, isso mesmo. — repetiu.

A última vítima do assassino tinha sido Katana, uma feiticeira graduada em todos os níveis e membro do Arcano 18. Aliás, todas as vítimas mortas tinham alguma ligação com o Arcano 18, ou eram membros ou eram amigos e/ou parentes de algum signatário do movi-

mento. Mas algo dizia a Sófocles Mor que a situação era ainda mais complexa.

— O que você pretende? — perguntou Sersi Allas, a policial encarregada de auxiliar a Sófocles, quando o homem solicitou o anel de força de Katana no outro dia, retido para averiguação da delegacia.

— Uma viagem mística. — respondeu o homem, misteriosamente. Quando o anel chegou às suas mãos depois de imensa burocracia, o chefe de polícia pediu um recinto fechado, cerrou os olhos e deu início ao ritual, recitando palavras há muito esquecidas que o levavam para a presença de civilizações perdidas em frente do anel.

De repente, flashes de acontecimentos da vida de Katana vieram como num rasgo da realidade saindo do anel com o cristal de ametista. Sua grande ansiedade para estudar a magia cerimonial. Os títulos e honrarias que recebera. Sua vida familiar com o esposo e os três filhos. O reconhecimento por ter se dedicado tanto e, finalmente, o medo. Medo de um assassino que circulava na cidade e escolhia seus alvos tanto nos quetos quanto nas ordens superiores e místicas, não fazendo distinção. Um fanático que... sim... isso era significativo, havia a ameaçado anteriormente ao falecimento. Ele era... E matou... desse modo... Subitamente, os flashes se fecharam e o anel de poder retomou seus segredos. Sófocles Mor vomitou ao voltar à realidade e, quase caindo na inconsciência, teve tempo de sacar sua arma de fótons ao vislumbrar um vulto armado entrando na sala em que estava como havia esperado. O assassino vinha encobrir a sua identidade. Disparou um último feixe fotônico antes de cair desacordado.

— Como você está, herói? — perguntou Sersi Allas ao visitá-lo no hospital de Santa Granada, o maior e mais completo centro cirúrgico de Santelmo.

— Estou bem. Mas ainda não pude falar com minha esposa. — disse o homem com um fiapo de voz.

— Ela está aqui agora no visualizador holográfico, tome os seus óculos 3D.

Sófocles explicou detalhadamente e demoradamente à sua conjugue, tudo o que havia ocorrido e não foi poupado de vários puxões de orelha por ter se arriscado tanto.

— Pronto. Ela está mais calma agora. — disse finalmente livrando-se da parafernália tecnológica. -- E o que vai acontecer agora? — perguntou depois Sófocles.

— Vão abrir um processo e arquivar o caso. O assassino era Clisóstemes Grasso. Mas para todos os efeitos, nosso superior morreu ao cumprir o dever. O assassino desconhecido vinha para fazer a próxima vítima, no caso você.

— Quando de repente...

— Quando de repente Clisóstemes se interpôs entre você e o criminoso, conseguindo evitar a sua morte, mas vindo a falecer logo depois.

— E tudo acaba bem em Santelmo. Quando sair daqui vou beber muito whisky.

Clisóstemes Grasso, o nosso assassino verdadeiro, mas não reconhecido, utilizava um antiqüíssimo encantamento muito simples, mas muito letal e, por isso, devidamente esquecido. Nos flashes da vida de Katana, Sófocles teve acesso ao que ocorrera. O operador criava um campo de força invisível em volta e em torno da cabeça da vítima, que sem receber oxigênio durante longo tempo, e sem ver o que acontecia, acabava duvidando de sua devoção mágica e aí todas as defesas caíam por terra, falecendo logo a seguir.

O certo era que Santelmo vivia uma nova era. E nesse tempo, nem mesmo o Arcano 18 estava livre da corrupção e da desvirtuação dos valores democráticos. “Que o Arcano Maior tenha piedade de nós”, pensou Sófocles Mor, enquanto se levantava da sua cama no hospital.

**Truculência da morte:
essa nossa eterna companheira**

Saudações de Santelmo. Que a galáxia esteja bendizendo, em uníssono, a harmonia universal.

Para além dos processos irreversíveis de cessamento das atividades biológicas necessárias à caracterização e manutenção da vida, a morte, como sabemos, não é só isso. A morte quando induzida em um sistema outrora vivo, ou seja, o assassinato, é uma truculência, uma violência, um descalabro. Mas ainda há pior do que isso. Há uma morte em vida. O indivíduo que cai na desonra é acometido ou provoca esse tipo de morte em si mesmo. E talvez essa seja a morte definitiva mesmo e não a biológica.

Faço esses preâmbulos porque são absolutamente pertinentes ao que quero explanar. Por que se a morte configura-se desde sempre um destino irremediável a todos os homens, a desonra não é assim; pois pode e deve ser evitada.

Mas não será o que ocorreu com o oficial de polícia Sófocles Mor e que está estampada em todos os boletins holográficos de informação dessa semana? O inspetor que fora designado para um caso de assassina-

tos em série na megacidade de Santelmo, sempre se esquivou de falar em público, mesmo quando o caso atingira o seu auge de comoção popular. Depois que “tudo acabou” e que o caso foi arquivado, finalmente se pronunciou. Ao ser acusado de necromancia, ou seja, a abjeta comunicação com os mortos para o fito de prever o futuro, -- tão utilizada na antiguidade por gregos e egípcios na Antiguidade, na Idade Média e ainda nas guerras mágicas em 3959 – ele diz que simplesmente não pensou nisso quando utilizou-se do feitiço de resgate do anel de poder. Ora, caríssimos, a memória de Katana, a feiticeira assassinada que foi objeto dessa maldita magia, merece respeito; como todos nós merecemos.

Necromancia é, como sempre foi, magia negra e, como tal, foi banida dos nossos círculos e ordens iniciáticas. O que me parece – e como membro da Ordem Mística O Conselho devo colocar – é que o Arcano 18 está propositadamente infringindo às regras e limites da democracia, a despeito de qualquer juramento desses senhores e senhoras. Sim, porque há rumores de que o assassino, cuja identidade não foi revelada, era também membro do Arcano 18. E não deixa de ser estapafúrdia a conversa de Sófocles Mor de que há infiltração de membros do Conselho no Arcano 18, membros esses que teriam a única intenção de denegrir a imagem deles. Isso é que é nos fazer de idiotas. Mas a morte, como eu dizia, não pode ser evitada, mas pode e é, postergada. Com os tratamentos tecno-mágico-científicos da medicina atual é possível prolongar a vida para além dos 160 anos. E embora talvez nunca cheguemos aos 200 anos dos MGM (mutantes geneticamente modificados) podemos alcançar uma vida plena em ótimo estado cômico. Mas, enfim, isso é outra coisa, porque os MGM não tem autonomia de

indivíduos e são meros trabalhadores braçais, feitos para os serviços que ninguém quer fazer.

Muitos encaram a morte com hipersecreção lacrimal, aos prantos, como se isso fosse trazer o parente ou amigo de volta. Não vai. E, além disso, a morte, a despeito de toda a nossa tecnologia e conhecimentos mágico-místicos continua sendo um mistério. Não sabemos se existe vida após ela ter se abatido sobre alguém. O espiritismo valida a comunicação com espíritos já desencarnados, mas há que se ter uma diferença clara entre uma mesa mediúnica e uma consulta ao espírito do morto no plano astral. Sim, porque o médium está habilitado para fazer o intermédio entre a “mansão dos mortos” como dizia o antigo catolicismo e a nossa realidade de vivos. No entanto, qualquer outra prática envolvendo uma comunicação mortal-espiritual trata-se de necromancia.

Muitos cadáveres foram utilizados ao longo da história para esse fim. Muito foi realizado ao longo da história em matéria de magia e ritualística cerimonial mágica em práticas similares e afins. Como nos conta o relato de um bruxo, Cassiano Augustus que, em 3978, valendo-se de magia do caos e de uma egregóra puramente literária advinda do livro de Mary Shelley, Frankenstein, pôde trazer de volta à vida um homem. A magia do caos, como se sabe, experimenta qualquer objeto de pesquisa, seja de origem mágica ou não e o transporta para o universo da grande arte, sendo utilizado apetrechos tecnológicos ou não. Mas isso parece não ter tido efeito quando duas semanas depois o “renascido” veio a óbito pela segunda vez e nada concreto foi observado disso. E se tivesse sido bem sucedida, seria uma anomalia, uma aberração.

Essa ânsia por ser eterno não pode ser saudável. Afinal, viver eternamente traria problemas tão graves que mesmo Jesus optou por subir aos céus depois que ressuscitou. E como dito em São João 3,13:

“Ninguém subiu ao céu senão aquele que desceu do céu(...).” E por isso, embora tenha até agora aqui nas minhas explanações reiterado o argumento científico mágico atual, devo recordar aos meus leitores que existe vida antes do nascimento e vida após a morte, pois somos imortais, nossa alma é imortal. E é por isso que sou um Grão-mestre mago do Conselho, além de cientista e é por isso que luto contra qualquer das vilanias que atentem contra o Reino como as do Arcano 18 e suas práticas de necromancia.

A morte, na verdade, não é nada mais do que nossa eterna companheira nessa jornada com o espírito da galáxia e do universo. As truculências dessa mesma companheira só ocorrem quando morremos em vida, quando estamos em desonra. Não quero com isso demonizar qualquer que seja a vítima – e todas as vítimas do assassino tinham ligação com o Arcano 18 sendo membros – nem inocentar qualquer que seja o criminoso – e o provável assassino também fazia parte do movimento Arcano 18 – mas o fato é que toda essa gente procurou a morte em vida, ou seja, a desonra.

Seus corpos não devem ser vilipendiados por magos necromantes de forma alguma, merecem respeito, repito. As suas almas estão na última jornada agora. Mas ai daqueles que fizeram essa estarrecedora prática mágica em prol de interesses escusos. Arderão no fogo do inferno, senão nessa vida, quiçá na próxima etapa da viagem pelo mundo astral. E, certamente, morrerão, não uma morte puramente biológica, mas sim uma morte eterna pela desonra que se abateu em suas consciências e almas.

Grão Mestre Péricles Cartagena é membro da Ordem Iniciática O Conselho e cientista do Reino de Vera Cruz do Brasil. - Coluna do Boletim holográfico de informação As notícias no. 5.616 do dia 12 de abril de 4014.

Hirochi

[20]

Hirochi corria, seu exercício matinal, tentando afastar os demônios internos que o ameaçavam. Era meticuloso, dava sempre uma volta no quarteirão. Parava, descansava, tomava um gole de água e outro gole de energético e dava mais uma volta. Chegava a contar quantas passadas dava. Mas naquele dia nem toda a lógica e exatidão podiam salvá-lo... Sua esposa, Katana, havia sido assassinada por um serial killer cuja identidade a polícia não tinha descoberto e dado o caso por encerrado assim mesmo. Há muito a corrupção e a burocracia do sistema em Santelmo estavam imperando, bem como a violência em todas as partes da megacidade. Mas as últimas semanas tinham sido algo sem precedentes.

O cientista tentava manter o ânimo e o foco em seu trabalho de matemático e em como cuidar das filhas pequenas. Tentava manter tudo sob controle, manter o cotidiano normal da vida, principalmente por causa das crianças. Mas nada era como antes, nem nunca mais seria... Das recordações que tinha da mulher, o homem lembrava bastante de Katana cuidando dos afazeres domésticos com a mesma disposição que se entregava aos trabalhos mágicos e obrigações da Ordem Mística e do Arcano 18 que Hirochi também fazia parte.

– Ah... Minha Katana! – suspirava em voz alta, enquanto se exercitava.

Apesar de nunca ter adentrado os portões selvagens da magia como sua falecida esposa fizera, o matemático havia experimentado seus momentos de lucidez mágica durante a juventude. E os conhecimentos da arte maior, uma vez libertos, podiam até ficar adormecidos, mas nunca iriam embora completamente.

Quando viu uma mensagem chegando pelo chip holográfico, parou imediatamente de correr. Estranhou, a frase não estava escrita em nenhuma língua que ele conhecia. Até que atinou sobre aquilo. Era um código de sigilo mágico. Mas não sabia do que se tratava. As pequenas frases eram: Ncoferlaili é ae. Psousa lae. Nerfliai a é lie. Spssauo ale. Nfecrilai a é iel. Opssau eal. As letras combinadas faziam parte de um todo, mas estavam embaralhadas como num jogo de adivinha. Finalmente ele entendeu: “Necrofilia é a lei. Possua ela”. Assim que montou a frase com sentido, veio-lhe uma dor de cabeça enorme e uma indisposição ainda maior. Será que havia forçado demais na corrida? Será que estava resfriado? Será que a mensagem que não vinha com remetente era um feitiço? Um feitiço do Conselho, uma antiga ordem mística tradicional que ia numa linha contra o Arcano 18? Estranhamente também sentia-se extremamente excitado, seu membro sexual estava rijo e o homem poderia relacionar-se sexualmente com qualquer mulher naquela hora, mesmo com a dor de cabeça e toda a indisposição. Poderia fazer sexo até mesmo com um cadáver de mulher. Resolvera voltar para casa, fosse o que fosse, a corrida teria que esperar...

Dois meses depois, Hirochi recebia o oficial Sófocles Mor. O primeiro encarregado da investigação sobre o serial killer e que depois de um incidente místico que o debilitara, havia sido posto como segundo em comando.

– Senti-me na obrigação de vir aqui pessoalmente, Hirochi.

– Sim, eu sei. – respondeu Hirochi, desconfortável com a presença do policial de meia idade.

– Não tenho uma explicação fácil para o fato da polícia ter arquivado o caso. Tenho fatos que não são oficiais. Como você faz parte do Arcano 18, quero apresentá-los. Mas mantenha silêncio sobre isso, por favor.

– Sim. – Disse a contragosto o matemático.

– Leu o boletim do Grão Mestre Péricles Cartagena?

– Li. Aqueles porcos do Conselho não tem mais o que inventar.

Não acredito em nenhuma linha do que aquele desgraçado escreveu.

Na semana passada um dos figurões do Conselho havia publicado um texto no boletim holográfico de informação As notícias onde acusava Sófocles Mor de necrofilia com o corpo de Katana, algo que causou apreensão e dor na comunidade santelmense.

– Que bom. Porque não é verdade. Não pratiquei necrofilia de modo nenhum. O que fiz foi um feitiço de resgate de memória do cristal incrustado no anel da sua falecida esposa. Sófocles fez uma pausa e continuou. – Como você sabe existem mais 4 planos de estados vibracionais, níveis etéricos, além do sólido, do líquido e do gasoso. É com esses níveis que trabalhei, numa clarividência reversa. Vi o passado como numa tela de cinema. Só que não sabemos quais os nervos que suscitam essa faculdade, não se sabe a fisiologia do oculto disso; o que custa caro para quem realiza essa magia. Senti-me sugado para a morte mesmo e tive que ser hospitalizado. – afirmou Sófocles pigarreando levemente.

– Bom, sem mais delongas vou lhe dizer. O assassino que eu vi nas memórias mágicas do anel é um policial, superior meu e também membro do Arcano 18 como nós dois.

– O que? – Aturdido, Hirochi não achou forças para dizer mais nada e ouviu o resto do que o policial tinha para dizer sem muito chão. Sua saúde que tinha dado sintomas de stress nos últimos meses desde que recebera a mensagem mágica de sigilo, naquele momento, piorara de vez. O homem havia ficado tão fora de si, que esquecera de mencionar sobre a mensagem a Sófocles Mor. Um erro que iria levá-lo aos piores desdobramentos possíveis desse acontecimento...

Três semanas depois dessa visita, um Hirochi transtornado e obcecado com a morte da esposa estava em casa sozinho. As duas filhas haviam ido morar na casa dos avós, justamente para dar um sossego maior ao homem. Porém a tranqüilidade era o último dos sentimentos que passava por seu coração. Não poder-se-ia dizer que o matemático não havia tentado evitar o que estava por acontecer. Tentou e muito, mas as forças envolvidas nessa feitiçaria eram por demais poderosas até para alguém que lida com magia freqüentemente e que poderia, ao fim de tudo, conseguir safar-se, mas não sem alguma seqüela. Porém esse não era o caso do nosso amigo, muito mais acostumado aos números do que à magia.

Os freqüentes pesadelos nos quais o matemático acordava desesperado eram só parte da sua desolação. Nesses sonhos ruins, o homem via sua esposa ainda viva chamando-o para ficar em sua companhia. Quando o cientista atendia ao chamado, uma lança enorme surgia em suas mãos e, ato contínuo, sem nenhum pensamento, o marido enfiava a arma no coração da amada. Punha-se a lamber o sangue de Katana após isso. Não entendia o que poderia significar aquelas visões ao dormir, no entanto, os pesadelos produziam impressões muito vivas quando o homem estava acordado. Porque para Hirochi era uma injustiça o que acontecera. Tiraram Katana de si. O homem a teria de

volta, custasse o que custasse. Era a sua mulher, afinal de contas. Não, Katana é sua mulher, continua sendo.

– Ela é minha!!! Minha!!! – gritou para si mesmo no vazio da sala. Foi assim que uma semana depois o homem decidiu o que tinha que fazer. Resolvera entregar-se às suas emoções e desejos. Não fora difícil subornar os seguranças do centro pós-vida Amanhecer de Luz, onde ficava a câmara de campo eletrostático de homeostase de Katana.

Descobrira-se, há muito tempo, que após a morte de um mago, o que se faz ao seu corpo interfere diretamente no destino da sua alma, pelo menos, 10 anos após o falecimento. Por isso os cadáveres ficavam em estado de suspensão homeostática até que se completasse esse período de tempo.

Quando naquela fatídica noite dirigiu-se ao Amanhecer de Luz, muita coisa passava pela sua cabeça atormentada, mas acima de tudo, pairava sobre o homem um desejo incontrolável de ter a mulher nos braços mais uma vez.

– Não sei o que você pretende. Hoje em dia existe de tudo, enfim, não tenho nada com isso. Mas você só tem meia hora. Depois vai chamar a atenção. Vai lhe custar cinco mil créditos à vista. – disse o segurança com certa apreensão na voz.

– Sem problemas. Aqui está. – respondeu Hirochi estendendo para a máquina de validação de créditos do vigia.

– Certo. – confirmou o segurança, passando o cartão na máquina. – Lembre-se: meia hora. – E se afastou da câmara onde estava o corpo de Katana.

Hirochi apertou o botão da câmara eletrostática de homeostase e imediatamente a tampa transparente abriu-se. Ele fitou o rosto da mulher por longos minutos. Não era exagero dizer que em quase toda a

sua vida havia sido apaixonado pela feiticeira. Os dois tinham se conhecido ainda na adolescência e só depois de adultos deixaram a amizade para trás e investiram com tudo numa relação amorosa. Casaram-se e tiveram duas filhas. Agora tudo estava acabado. Mas não. Ainda podia existir amor. E existia! Hirochi a amaria sempre...

Calmamente e até com alguma graça, retirou as peças de roupa do cadáver de Katana. Sua vontade e desejo eram incontrolláveis. Não podia, de maneira nenhuma, voltar atrás. Despiu-se também e jogou-se de encontro ao corpo que, num *rigor mortis* – movimento involuntário de um cadáver – parecia abraçar o homem, o que o levou a se descontrollar mais ainda, beijando avidamente os lábios da face inerte.

– Assim, assim, você é minha!!! – vociferava o matemático enquanto investia seu membro rijo na vagina da morta.

Gozou alucinadamente uma vez. Depois virou o corpo de braços e sodomizou o cadáver da mulher também. Quando finalmente estava saciado recolocou as roupas no cadáver e vestiu-se. Aquilo fora demais, onde estava a sua dignidade? O que tinha feito? Como pudera descer tão baixo? Estranhamente nenhuma das perguntas que pululavam no seu cérebro o faziam envergonhar-se; pelo contrário, davam o lastro necessário para que continuasse e fizesse isso mais vezes, porque mostravam como o homem era especial, por motivos torpes, é verdade, mas ainda assim, único.

Nada o demovia do desejo de voltar mais e mais vezes ao centro pós-vida, subornando os seguranças a cada vez. Fazia por desejo, por amor, por fetiche, por tudo o que representava Katana na sua vida.

Passaram-se anos e Hirochi nunca foi descoberto. Mas o feito criminoso gerou algo que, se não foi um ato positivo, pelo menos o deixou “limpo” frente à sua consciência de marido viúvo. Fora encontrado morto

na sua casa com um pistola de feixes nas mãos. O suicídio foi sua única saída honrosa, talvez a única que o feitiço do Conselho tenha propiciado ao matemático...

Merda

Estaríamos vivendo o fim da era de ouro da magia? O que teria ocorrido com o mana dos cristais? Como a Ordem do Conselho está por trás dos profundos males que nos acometem atualmente? Estaria Santelmo afundando na merda?

Antes de responder essas questões, devo pedir licença para relatar um acontecimento dramático na minha vida. Mesmo sabendo que a sucção de mana através dos cristais não está sendo efetiva, tentei uma viagem de projeção eletro-astrol há dois meses atrás. Conectei-me com o universo interior, conectei-me com o universo exterior, fiz as invocações e parti para a dimensão de Ishtar. Perguntariam os meus leitores como isso foi possível. A resposta não é simples.

Das propriedades especiais de cristais sabe-se e reporta-se – em grande quantidade de relatos até – desde antes de Cristo e mesmo nos períodos da chamada Kali Yuga mais tenazes, como o século 20, por exemplo. Mas a utilização em larga escala de atos mágicos e o novo despertar da humanidade para a magia – depois das quedas da Lemúria e da Atlântida – só veio a acontecer há relativamente pouco tempo atrás, por volta do ano 3500. A nossa Santelmo, megacidade cosmopolita e gigante por excelência tomou a dianteira dessas práticas desde o início e ficou conhecida como berço da alta magia. Mas sempre soubemos: a nossa “descoberta” era, na verdade, uma redescoberta.

Tanto tempo de atos mágicos restaurados – e não começados – deveriam deixar uma marca no astral. E deixaram. As egrégoras de força mágica que se utilizaram dos cristais nesses 514 anos, ainda estão pairando sobre o nosso astral. Foi a partir da medição espiritual delas que pude detectar que existem picos de mana nos cristais. Porém muito breves, durando apenas milissegundos. Ninguém sabia disso. Até agora.

Descobri que essas joias do oculto poderiam ser potencializadas em suas altas flutuações vibracionais – e uma completa inoperância na maior parte do tempo, como todos sabem – e tomei partido disso.

No entanto, as consequências desse caminho tortuoso que trilhei foram desastrosas. Chegando com meu corpo astral em Ishtar, como dissera, pude ver por associações místicas de co-realidades, os grandes espaços vazios na Lua e em nossos planetas colonizados do sistema solar. A maioria das populações desses lugares está sem condições de operar máquinas de transporte, sejam quais forem. A grande baixa de mana dos cristais afetou todo o universo conhecido. E isso poucos sabem. Também há falta de água e alimentos em grande parte das comunidades extra-terrenas. Menos pessoas ainda tem conhecimento dessa escassez.

Quando estava vislumbrando todas esses fatos pela minha viagem, em corpo astral, minha presença foi detectada por seres ignotos da Nebulosa de Xibalbá. Aqui utilizo a mesma nomenclatura dada à essa parte da Nebulosa de Órion pelos maias. Ao tentar voltar para o meu corpo físico, me vi puxado pela mão por um deles. Senti dores terríveis no astral, durante longos momentos, porém não sabia o que estava acontecendo. Finalmente consegui me livrar das garras do ser trevozo e acordei em Santelmo de novo. Não sem seqüelas: Minha mão esquerda no corpo físico tinha se dilacerado, queimando-se completamente. Administrei calamingritol imediatamente, mas foi impossível salvá-la. Foi

amputada! Hoje conto com uma mão artificial, quase perfeita, baseada na regeneração do fígado, mas não é a minha mão natural como eu gostaria.

Muitos operadores de magia e magos estão talvez descobrindo nesse momento que esses picos de milissegundos existem e potencializando esses brevíssimos momentos para a magia, como eu fiz. Por favor, escutem a minha advertência:

NUNCA, EU DISSE NUNCA, TENTE PROJETAR SEU CORPO ASTRAL PARA OUTRAS DIMENSÕES EM DOIS OU MENOS DE DOIS MILISSEGUNDOS DE OPERAÇÃO DOS CRISTAIS. ISSO DESPERTARÁ OS SERES DA NEBULOSA QUE DETECTARÃO A SUA PRESENÇA.

Se eu disser que foi um grande erro manipular as leis naturais para uma projeção eletro-astrol dessa magnitude isso é pouco. Foi uma das piores experiências tecno-mágicas que já tive. Depois que estava em casa, enquanto tratava do que tinha restado da minha mão esquerda, fui acometido por uma intensa diarreia, náuseas, vômitos e um grande mal-estar. Recuperei-me mas não sem soltar muitas pragas antes. Sendo merda o mais representativo, nesse caso, dos nomes feios que soltei.

Mas são os erros que nos trazem, por vezes, vislumbres da verdade. E esse foi exatamente o caso. Agora tenho exata noção do que ocorre nas muitas negociatas perpetradas por essa quadrilha de magos obscuros chamada Conselho.

Os rumores de que essa Ordem entrava na Nebulosa e obtinha conhecimentos das trevas me foram revelados como verdadeiros enquanto estava sendo puxado pelo ser trevoso. O demônio não cessava de repetir no âmago do meu corpo astral que me revelasse mais sobre o planeta Terra e me chamava de emissário do Conselho todo o tempo.

Vejam vocês, senhores e senhoras, em troca de informações sobre a nossa dimensão, o Conselho obtém livre trânsito pela Nebulosa para acertar “seus negócios” sem preocupações de serem descobertos. Vultosas quantias roubadas sendo levadas para fora do Reino, chantagens, assassinatos, jogatins intergalácticas, tráfico de entorpecentes gasosos, redes de prostituição, pedofilia, sexo com mutantes escravos, sexo com animais, tudo que possamos imaginar de mais destrutivo e abjeto no ser humano, esses conselheiros financiam e com um único objetivo: o poder.

Sim, pois querem que a democracia em Santelmo e no Reino seja destruída. Não poupando esforços para desmoralizá-la.

Confiantes de que conseguirão trazer a normalidade ao mundo depois que um grande sistema totalitarista tiver sido implantado, eles renegam a própria alta magia e se lançam na magia obscura para chegar a esse fim. Talvez se descubra que a criação desse contato do Conselho com a Nebulosa tenha sido o causador da ampla histeria, desespero e aflições várias que tomaram conta do mundo nos últimos meses.

A nossa única esperança, o Arcano 18, parece estar em seu momento de máxima crise. Sendo representada pela carta da Lua, com seus mistérios e sua noite escura da alma – para que haja um ressurgimento – ironicamente nunca esse ressurgimento esteve tão longe quanto agora. Seus membros já foram acusados de assassinato e de necromancia. É provável que por trás disso existam ciladas muito bem armadas pelo Conselho para destruir a imagem do movimento Arcano 18, o que seria a melhor notícia para os nossos inimigos. Porém não se pode mais confiar em ninguém. A realidade tornou-se tenebrosa e nenhum cidadão vale mais nada. Aqui ou nos recônditos mais longínquos da galáxia.

Por fim, gostaria de salientar que minha investida com corpo astral em Ishtar foi fruto unicamente de um ato desesperado de um mago que vê seu mundo despedaçar-se. Busquei uma resposta para o caos que vem ocorrendo em Santelmo e em todo lugar. Na minha inocência não imaginava chegar tão longe com meus experimentos. A violência com que fui quase tragado para a Nebulosa me trouxe finalmente à triste e dolorosa reflexão: Talvez a civilização esteja mesmo vivendo sua queda maior depois do apogeu. Como membro da Ordem da Estrela Dourada não poderia deixar de tentar uma explicação do porquê vivemos o que vivemos.

Não tinha nenhum interesse – como não tenho e não pretendo ter, graças ao Grande Arcano – de abrir portais para a Nebulosa de Xibalbá nem de fazer contato com os seres das trevas daquela dimensão. Se essas suspeitas, diria mais do que isso, se estas provas da culpa do Conselho estiverem corretas, a nossa querida Santelmo realmente está na merda.

Uma última observação: a expressão “merda” para classificar algo que não estava previsto e que é, por si mesmo, fétido como o coco – ou que simplesmente estraga tudo – me pareceu adequada para os acontecimentos hodiernos. A abordagem de círculos escabrosos das operações ilícitas e abomináveis do Conselho só poderia ter, segundo minha humilde opinião, essa designação.

Mestre Hipócrates Veneza de Castro

Membro e sacerdote da Ordem da Estrela Dourada para o Boletim Holográfico O Oculto no. 80 na primavera de 04 de outubro de 4.014.

**Afinal é o fim do mundo sim,
mas nem tudo está perdido...**

Os mutantes geneticamente modificados se insurgiram contra os seus senhores. Os anarco-terroristas conseguiram um efetivo apoio da população de Santelmo e do Reino, o aparato tecno-científico fotovoltaico do império está sofrendo falhas quase ininterruptas dos seus funcionários estressados ou infectados com o novo vírus da moda, o influenza-mix, uma variante particularmente mortal da nossa conhecida e quase inofensiva gripe. A população carcerária se rebelou e um contingente muito grande de cumpridores de penas está à solta na cidade de Santelmo e nas principais capitais da América do Sul, do Norte e Europa, os casos de assassinato triplicaram em uma semana desastrosa nos índices de violência em todo mundo, crises de depressão, pânico e esquizofrenia proliferam-se ao mesmo tempo em todas as cidades do Reino, o número de registros de suicídio aumentou assustadoramente em menos de três semanas, acidentes com metrô de elevação e veículos proto-guiados duplicaram em razão de falhas humanas. Várias regiões do planeta estão em estado de emergência devido a desastres naturais como vulcões, maremotos e terremotos; hecatombes que se alastram sem uma causa aparente. O toque de recolher foi dado em muitos lugares menos afeitos à democracia, devido a protestos e manifestações diversas em cidades do globo, guerras de separação de regiões iniciaram-se em

unísono como numa desabalada corrida para o caos. Os procedimentos de engenharia genética para produção de espécies animais e vegetais, outrora extintos, tiveram que ser paradas por defeitos recorrentes nos equipamentos de cultura dos genes. O hiperespaço está sem comunicação com o planeta Terra e, como resultado, estamos sem contato com os demais planetas do sistema solar. As espaçonaves que trafegam para a Lua estão todas paradas (também por dificuldades técnicas) e os colonos lunares do satélite natural bem como os colonos da Nova Morada, o nosso satélite artificial, estão isolados. Como se não bastasse, nenhum feitiço de auxílio, de boas vibrações ou de auto-cura tem efeito, porque o nível de mana dos cristais no planeta Terra parece ter diminuído abruptamente nos últimos dois meses. É como se o mundo tivesse ficado louco sem aviso prévio.

Não quero com essa enumeração de fatos negativos recentes levar os meus leitores à tristeza, ao desânimo, ou mesmo, ao desespero. Porque todas essas coisas são de conhecimento geral hoje entre nós, aqui em Santelmo e constituem antes desafios do que impedimentos ou obstáculos. A nossa civilização sempre passou por momentos difíceis, mas soubemos, na maioria das vezes, atravessar todos os problemas com fé e esperança no futuro.

Honestamente acredito na superação de todos esses acontecimentos que, se não são nem um pouco animadores, também não representam um apocalipse como muito se tem falado nas diversas mídias holográficas e em boatos nas ruas. A nossa sociedade se baseia em um elemento muito significativo: a utilização da tecnologia e da magia em conjunto para a manutenção e expansão da democracia em todos os níveis e instâncias. Incluindo aí, é claro, seus fatores mais representativos

para as pessoas como cidadania, respeito às individualidades, à dignidade humana e ao meio ambiente.

Os poderes judiciário, legislativo, executivo e nobreza são independentes e juntos formam a nossa “bateria de frente” contra os pseudo salvadores da pátria que insistem em aparecer nesses momentos de maiores agruras. Cultivando e clamando por um maior controle e rigidez nas coisas do Estado com o único intuito de suprimir direitos e liberdades individuais e implantar uma ditadura em nosso Reino, essas pessoas desejam que a democracia saia de cena. Em seu lugar o totalitarismo e o regime de exceção tornar-se-iam a grande tônica, com ampla dominação das forças armadas em todas as decisões de Estado. Para isso não poupam esforços em campanhas difamatórias sobre os que lhe fazem barreira, aqueles que estão com a democracia e sempre estiveram como o movimento Arcano 18, por exemplo.

Esses são grandes problemas, todos problemas mundiais. Mas existem os pequenos dramas do dia a dia que ninguém registra por serem pitorescos, curiosos ou porque ninguém dá importância, até que se tornam grandes problemas. Só para dar um resumo rápido do que me aflige pessoalmente nessa crise toda: há quatro dias atrás começou o meu calvário aqui em casa. Estamos com racionamento de água e tenho que me higienizar com o gel limpador e esponja. Minha esposa abominou a situação e começou a ter ataques histéricos acusando-me de causador do que está acontecendo, coisa que eu não sou absolutamente.

Isso não é o pior, o pior é que a minha assinatura da série Os seres cósmicos de Andrômeda . a saga dos celestiais, atrasou no meu conector holográfico de rede. Por ora, minha sanidade mental ainda está intacta e, acredito firmemente que poderei assim continuar se nada de mais sério

acontecer. No entanto, eu diria que já estamos no fundo do poço e não há mais para onde cair, daqui onde estamos só há um caminho: subir.

A verdade é que tudo isso é fruto de mal conhecimento das forças da natureza e de como atuam em nossos mecanismos mágicos, tecnológicos e nos nossos temperamentos psicossociais.

Nada do que está acontecendo agora teve início abruptamente, apesar do que possa parecer à primeira vista. Nós plantamos cada dificuldade e agora estamos colhendo. Eu só espero que as forças antidemocráticas – vamos ser justos e dar nome aos planetoides, como diziam os astrônomos do século XXII, falo da Ordem Iniciática O Conselho e todos os seus influentes aliados – não se aproveitem dos percalços do momento para destilar seu veneno totalitário em nossa querida cidade Santelmo e no Reino.

Como cidadão e contribuinte desejo que possamos caminhar novamente de cabeça erguida, sem atropelos, sem catástrofes, sem desesperos e sem doenças, enfim, sem tudo o que nos aflige agora. Sejam esses problemas de ordem psicológica, natural, mágica, cósmica, social, política ou bélica.

Afinal, é o fim do mundo sim, mas nem tudo está perdido. Se cairmos num regime de exceção, aí sim, poderemos dizer que o buraco negro está sugando tudo, inclusive a nossa luz.

Claudius Hernández Gutiérrez é repórter das revistas O Novo e A Vontade. Promotor cultural do Instituto Novo Amanhã e colunista do boletim holográfico Especiais, Espaciais.

Boletim holográfico Especiais, Espaciais. Agosto de 4.014.

Dias passados de um futuro esquecido

– Porque nós simplesmente não vamos embora daqui? – perguntou Catherine.

– Estou preso em Santelmo. – rebateu e suspirou profundamente o conde.

– Por que? Você não tem contatos na Europa ou em outro lugar?

– Tenho, claro. Mas a situação aqui chegou a um ponto dramático. A caça aos nobres é feroz. Eu seria detido no espaçoporto.

Uma aliança espúria fora formada enquanto os cristais estavam sem nenhum nível de mana. Um acordo entre os mutantes geneticamente modificados e os anarco-terroristas. Eles formaram um enclave que cobria toda Santelmo e mais 20 cidades ao redor. Toda magia fora proibida nesse território e aquele que desobedecesse seria declarado culpado e executado sem nem mesmo um julgamento. Além disso, toda a nobreza fora destituída do poder e perseguida. Ficou estabelecido um governo dos indigentes que, na verdade, tratava-se de um governo da vanguarda revolucionária.

Os dois sabiam desses fatos, mas custavam a acreditar, embora o conde já tivesse mais ou menos resignado-se. A verdade é que os mutantes só tinham direito à uma vida subalterna tanto no trabalho como na moradia e em tudo o mais. Sua condição de “gene podre” como

se costumava falar entre os nobres, os excluíam automaticamente do convívio com as altas classes sociais. Mas essa situação não podia durar muito e essa verdade já era sabida até entre a realeza.

“Basta de escravidão. Basta de sermos tratados como cidadãos de segunda classe ou como menos do que seres humanos. Somos Cidadãos com C maiúsculo e mais do que isso, somos gente como todo mundo.” – proferiu o líder dos mutantes em seu discurso de posse. – “Agora todos somos iguais, mutantes ou não.”

As palavras soaram como fogo no coração já inflamado da horda de mutantes que tomara o controle de Santelmo juntamente com os anarco-terroristas. Urros de aprovação e expressões de contentamento tomavam conta das multidões a cada vez que o telão exibia exaustivamente a fala do líder. Os terroristas de coloração anarquista entraram como ingrediente explosivo nessa receita. Detinham armamento pesado, mas não o suficiente e sabiam que aquilo iria durar pouco. Cedo ou tarde, o Reino iria tomar conta da situação de novo. Consideravam, no entanto, que qualquer avanço numa utópica revolução seria um ganho. Na visão desses deserdados, o provisório poderia ser a meta maior e a meta maior poderia ser provisória.

Os dois encontravam-se anonimamente num apartamento de luxo alugado para esse único fim. No início achavam que logo poderiam assumir o relacionamento e dar um basta às escondidas, mas quando começou a revolução ficou claro que não seria possível.

O conde levantou-se da cadeira onde estava e ligou o aparelho holográfico mentalmente com seu chip cerebral. “Assista agora mais um episódio dos Tomates Verdes Niilistas”

– A única coisa que a oposição consegue fazer contra a situação são esses programas satíricos e humorísticos. – constatou o conde.

– É a única coisa que passa pela censura. – lamentou-se Catherine.

Não havia esperança para um futuro e quando tal coisa acontece, agarramo-nos no passado ou vivemos o presente. Mas que presente? O conde Vasconcelos tinha absoluta certeza de que nada seria como antes e que quando o sistema fosse de novo reposto, a democracia não estaria entre as noções políticas dos governantes que tomariam o poder. A revolução seria usada como desculpa para uma ação totalitária.

Catherine amava Vasconcelos e o homem retribuía esse amor com toda a ternura que um nobre pode ter para com uma plebeia. Juntos o casal já havia atravessado muita coisa; mas não tinham se preparado para o que acontecia. Execuções em massa da corte e de pessoas ligadas à corte eram realizadas todo dia, ininterruptamente, assim que os nobres eram localizados. Em conjunto com eles, morriam também os acusados de operar magia. O mundo deles estava literalmente de cabeça para baixo.

– Diga que não vai me deixar... – sussurrou Catherine jogando-se nos braços do conde.

– Eu te amo. – falou Vasconcelos.

Num beijo apaixonado, os dois se entregaram um ao outro torridamente na cama de gravidade suspensa. Se aquele seria o último relacionamento amoroso de ambos, que fosse o melhor.

Cinco dias depois, Catherine e o conde Vasconcelos encontraram-se mais uma vez no mesmo apartamento. Fizeram amor novamente e ao findar o encontro, Catherine revelou o que havia feito naqueles dias que tinham passado.

– Consegui um passaporte para a Suécia. Disfarcei-me com um véu de encantamento e adentrei o setor de liberação de documentos para o exterior.

– Foi muito arriscado... – disse o conde, preocupado.

– Sim, foi. Se me descobrissem, eu seria morta. – completou a moça segurando o cartão magnético.

– Obrigado Catherine, meu amor. Não tenho como lhe agradecer. Mas você não tirou um para você também, não?

– Não foi possível. O encantamento estava no fim. Se não saísse de lá naquele momento, me pegariam.

Os dois entreolharam-se profundamente. Sabiam que aquilo significava uma despedida. O conde segurou a mão direita da mulher e pôs um objeto, fechando em seguida.

– Não abra a mão. Até eu ter ido embora. É para se lembrar de mim. – disse Vasconcelos.

– Vou me lembrar de você para sempre. – replicou a moça, já chorando.

Já se vão dez anos desde que Catherine viu o conde pela última vez e nenhum contato tinha sido feito até então, por motivo de segurança da própria moça que ficara em Santelmo. As juras de amor trouxeram um gosto amargo, mas apesar disso, a moça ainda guardava boas lembranças do relacionamento dos dois.

A batalha pelo controle de Santelmo durou mais tempo do que se previa. Os mutantes e os anarco-terroristas tiveram aliados fora do contexto que possibilitaram um sem número de derrocadas do Reino. O enclave recebeu ajuda dos árabes messiânicos e passou a fazer parte da OPN (Organização dos Países Não-Alinhados). O restante do Reino caiu

numa ditadura como era esperado e as instituições que prezavam pela democracia foram cassadas ou tornaram-se clandestinas e inoperantes como o Movimento Arcano 18.

Catherine segurava o objeto que o conde tinha lhe dado há dez anos atrás e deslumbrava-se com o seu brilho. Era um cristal de magia que possibilitara à mulher sair de muitas enrascadas com o novo governo ao longo do tempo, porque tinha a faculdade de ler pensamentos num raio de 2 quilômetros.

Tinha se fixado na zona sul de Santelmo em regiões onde se localizava a parte da alta burguesia que tinha sido poupada pela direção revolucionária por colaborar com o novo sistema. A vida não era fácil, mas a moça havia conseguido um emprego administrativo e vivia relativamente bem. Desde daqueles tempos manteve-se absolutamente solteira, não por falta de pretendentes, mas porque não se sentia atraída por mais ninguém.

Quando recebera a notícia de uma amiga comum do tempo que os dois se encontravam, quase não acreditou.

– O conde Vasconcelos... – disse meio que susurrando, Camila.

– O que? – perguntou aturdida Catherine.

– O conde...

– Sim. O que tem?

– Faleceu.

– Mas como?

– Alguns amigos nobres de Bhar´host me trouxeram a notícia através do meu chip. Morreu num acidente na Suécia. Há pouco tempo.

Catherine não falou nada. Sua vida sentimental havia parado desde que Vasconcelos a deixara. Agora essa notícia a pegava de surpresa. Se não nutria mais nenhum sentimento com relação ao conde,

também não podia dizer que o esquecera completamente. Fazia muito tempo desde que tudo aquilo acontecera e a moça trazia uma pontada de amargor no coração. A presença do falecido era forte com a gema que a moça trazia sempre consigo e por isso resolvera fazer algo a respeito disso.

Dirigiu-se até a praia da antiga Copacabana, hoje Princesinha do Sul. Já era noite e a brisa noturna ventava forte naquele verão de 4024. Catherine acionou o chip holográfico e relatou numa gravação de voz e imagem o que sentia:

“Não gostaria de dizer que tudo acabou. Porque mal começou. Você esteve comigo todo esse tempo e eu não pude rejeitá-lo de forma alguma. Sua dor foi a minha dor e sua alegria foi a minha alegria, embora eu nada soubesse de você todo esse tempo. Mas agora, a vida nos trouxe a separação definitiva. Eu liberto você e me liberto para um novo recomeço. A você o descanso eterno e a mim, o que o Grande Arcano permitir. Siga livre e eu seguirei os passos da liberdade também.”

Jogou o cristal nas águas da praia deserta. Logo o mar recebeu e colheu a oferenda com grandes ondas.

Todos os herdeiros diretos e indiretos do conde, dos nobres e da realeza tinham se evadido da megacidade há muito tempo. E nunca mais se soube de nenhuma notícia de nenhum deles nas terras de Santelmo.

[O presente improvável]

A pedra

A história que passo a narrar está um pouco além do que se poderia chamar de insólita. Talvez seja melhor chamá-la de absurda. Bom, o leitor saberá o que dizer melhor do que qualquer preâmbulo.

Afonso estava ali de férias. Mas a amplidão do mar e do céu o fazia desejar estar naquele lugar para sempre e nunca mais voltar ao trabalho de administração de empresas. Vestia uma sunga azul escura que destacava seu corpanzil moreno. Portava seus indefectíveis patuás de boa sorte no pescoço, como o dente de tubarão, a mão de Fátima e o pequeno pentagrama com água marinha. Também usava uma fitinha no pulso de Nossa Senhora que havia adquirido na Bahia.

A praia de Itacoatiara como ele conhecia há muito tempo estava mais cheia do que o habitual. Porém, mesmo assim, havia lugares meio que “desertos” entre as grandes concentrações de barraquinhas e sombrinhas. Foi numa dessas partes da praia que o solteirão de meia-idade encontrou aquilo que mudaria a sua vida para sempre. “No meio do caminho havia uma pedra. Havia uma pedra no meio do caminho. Nunca me esquecerei(...)” O poema do poeta maior bateu forte na memória de Afonso quando estava por subir a formação rochosa que dava para uma pequena lagoinha, um pouco afastada da praia. Mas no meio do caminho havia... uma pedra.

O homem não saberia explicar porque sentiu-se atraído por aquela pedra lisa do tipo basalto. A pedra totalmente preta, com um leve brilho e extremamente lisa era usada em tratamentos de saúde alternativos e esotéricos. Disso Afonso sabia. O que o nosso amigo não sabia era que aquela coisa poderia exercer o que ela exercera em sua mente e coração a partir daquele momento. A pedra não era nem pequena nem grande, podia ser transportada facilmente com as duas mãos e, com certa dificuldade, com apenas uma mão.

Mas o encantamento com que Afonso segurou e a levou para casa, transcendeu tudo o que o homem vivera até então. Quando chegou no seu lar, preparou um lugar todo especial no jardim. Revolvendo a terra e arrancando as plantas por perto, modelou uma espécie de altar para Clara. Sim, Clara. A pedra tinha nome, era necessário respeito. A pedra era preta. Totalmente preta. Como então Afonso chegou ao nome Clara? Explico: nas suas muitas andanças às bibliotecas públicas, leituras muitas de livros muito esotéricos, o homem tinha se deparado com a definição de Deus pelos essênios – e também por São Dionísio, como ficou sabendo depois de mais pesquisas – e aquela definição teve singular influência nesse nome. Por que os essênios, como saberão os minimamente iniciados nesse conhecimento, consideravam Deus como escuridão e não como luz. A escuridão, diziam esses espiritualistas, é eterna e não necessita de nenhuma fonte externa para vir a ser, como a luz necessita. Dessa forma, a escuridão é adequada muito mais à concepção de Deus do que a luz que é, além de tudo, efêmera. Por essa razão, podemos perceber como Afonso deu o nome de Clara à pedra preta, embora o leitor possa continuar achando uma excentricidade enorme.

Monolitos e pedras colocadas numa certa disposição em grandes campos existem em todas as culturas, sendo as mais famosas as de Stone-

henge e Avebury. E isso existe desde a pré-história. Afonso também tinha esbarrado nesses assuntos em suas pesquisas de esoterismo. Sendo um adepto informal da cultura da nova era e sem nenhum atrelamento às religiões organizadas e nem às ordens iniciáticas, o homem considerava-se um neófito nesses conhecimentos. Se era um neófito, Afonso era dos melhores, candidato a mestre, pelo menos em teoria, em pouco tempo. Mas a teoria, como se sabe, não é a prática e pouco conhecimento, nesses casos, é mais perigoso do que conhecimento nenhum.

– O que você está fazendo? – perguntou Cássia sua namorada quando o homem passou várias horas diante da pedra.

– Estou meditando com Clara. – foi a resposta de Afonso tão repentina quanto absurda.

– O que?

– A pedra se chama Clara. Eu estou meditando com a pedra.

– Como assim, meu amor?

E não houve jeito de demover Afonso do seu intento. O homem tinha uma disposição fora do comum para com a sua companheira Clara. Tanto que passou praticamente o resto das férias, todos os dias, de frente para o objeto natural que, à essa altura, não era mais um mero objeto. Era algo sagrado.

Quando chegou, finalmente, o fim do descanso do trabalho, mais ou menos vinte dias depois, Afonso não fora trabalhar. Sua vida estava devotada à Clara. Se aquela era a famosa pedra filosofal, então, nada seria mais importante do que estar na presença dela todo o tempo. E o pensamento de Afonso levava em conta essa possibilidade – a de que Clara fosse realmente uma pedra capaz de transformar qualquer metal em ouro – embora o administrador partisse do pressuposto que a alqui-

mia verdadeira era com o seu espírito e não com objetos. O ouro sendo a elevação máxima do espírito, o êxtase e o metal inferior sendo a alma do neófito a ser trabalhada. O homem tinha necessidade quase estoica de estar com a pedra todo o tempo também por causa do medo de que ladrões – e nesse caso, só poderiam ser alquimistas – estivessem atrás de Clara.

Aquilo havia se tornado uma verdadeira obsessão na vida de Afonso. Não foi à toa que Cássia finalmente rompeu com o homem e o deixou sozinho com a pedra. Depois disso, o homem tornou-se anda mais recluso e passou a falar com Clara.

– Estamos a sós agora, Clara. Me fale, me revele o segredo. O segredo da vida. O segredo da vida e da morte.

A pedra impassível à sua frente não respondia. Mas o querido objeto passou a responder depois que Afonso submeteu-se a um intenso jejum por doze dias: o dia inteiro sem nada comer só quebrando à noite, com um breve jantar.

– Me fale, Clara. Me fale o segredo que você guarda.

– O segredo é muito simples.

– E qual é? Diga, diga.

– Só posso revelá-lo no local adequado. Na praia onde você me encontrou nessa sexta-feira 13, à meia-noite.

Partiu então, o administrador para Itacoatiara na sexta-feira 13, à noite, como havia dito Clara na esperança de que o querido objeto revelasse o segredo dos segredos para sua pessoa. A transmutação com elementais da terra havia sido fartamente - e superficialmente quase sempre é bom que se diga – abordada pela mídia quando fala dos gnomos. A bem da verdade esse conhecimento já tinha sido até ridiculari-

zado muitas vezes. Mas esses elementais existem, pensava Afonso enquanto dirigia seu Land-Rover até à praia.

Seria possível que o espírito de um gnomo estivesse se comunicando com o homem enquanto falava com Clara? Nesse caso poderia ser um espírito zombeteiro e não uma entidade em elevação de mana como Afonso pensava. Mas logo afastou o pensamento:

– Não, claro que não. Você não seria falsa comigo, não é Clara?

– Claro que não, amigo. — respondeu na mesma hora a pedra.

Chegando ao seu destino, percebeu que a praia estava deserta e pôs-se logo a fazer o que tinha que fazer. Não tinha, na verdade, certeza do que era, mas que haveria de fazer sim, isso sabia.

Colocou Clara de costas para as águas e sentou-se de frente para a amplitude do mar, respirando o cheiro da noite. Era quase meia-noite quando o homem perguntou à Clara se aquele era o momento certo.

– Leve-me para o mar.

– O que? — perguntou aturdido Afonso.

– Quero ir para o mar, me leve para lá.

Sem saber muito o que significava aquele desejo de Clara, o homem obedeceu. Carregou a pedra por entre as ondas que estavam bem altas. Porém logo percebeu que sua tarefa seria inglória, porque toda vez que avançava um bocado, Clara pedia que fosse mais longe. E cada vez mais longe.

Adentrou o mar, nadando o máximo que pôde, sem pestanejar. Para seu azar, as ondas estavam além da sua capacidade de nadador porque, além de todo o esforço, ele carregava a pedra numa das mãos. Não seria errado dizer que o administrador levou até as últimas consequências sua obsessão com uma mera pedra, mas o leitor deve compreender que Clara, enfim... tinha um nome, chamava-se Clara e

podia ter profundas conexões com o mundo espiritual...mas... bom, deixa para lá... É, não é possível continuar a defesa do nosso amigo...

Só Afonso era capaz de perceber as implicações espirituais de Clara e por mais que possamos deliberar a respeito nunca chegaremos ao pensamento que norteou sua última noite.

Afonso e a pedra nunca mais foram vistos em Itacoatiara e em nenhum outro lugar depois daquela sexta feira 13.

Mundo, espiritual

Carolina sonhava. Sonhava um sonho bom de alegria e felicidade. Coisas estranhas e bizarras faziam parte do seu sonho, mas a moça não as sentia assim. Eram simplesmente naturais. Por exemplo, no seu sonho todos os cachorros falavam. E eles se expressavam muito bem! Ela conversava com Pitty, a cadelinha que os pais haviam comprado para ela. E tinha aprendido com a filhote que nós humanos somos muito engraçados, na perspectiva dos cachorros. Trabalhamos uma semana inteira de segunda à sexta para ter um final de semana com a família e, às vezes, até trabalhamos aos sábados e domingos, para ter umas férias que só duram um mês. E durante esse tempo fazemos tudo que nos dá prazer. O resto do tempo é dedicado ao trabalho.

Os cães, ao contrário, fazem tudo que lhes dá prazer na maior parte do tempo. Proteger e guardar o dono é uma dessas coisas, claro. Mas brincar e rolar de alegria também fazem parte disso. É por essa razão que eles, cachorros, estavam sempre com disposição e felizes, ao passo que nós humanos éramos pesados e sem vida.

Havia unicórnios também no sonho de Carolina. Esses seres mitológicos que tem aspecto de cavalos e possuem um chifre na testa. Os unicórnios de Carolina podiam transpor mundos. Os mundos materiais nós conhecemos, mas os mundos espirituais nós ignoramos, como se não fizessem parte da vida, tanto quanto o mundo físico. Mas fazem e muito!

A terra das fadas, dos gnomos, das ondinas, dos silfos, das salamandras, elementais que tanto circulavam pela imaginação das pessoas há muito tempo atrás e que hoje são vistos como uma infantilidade ou, no máximo, uma excentricidade.

Tais seres sobrenaturais mostravam à Carolina como se portar nas dimensões que a moça viajava. Estavam abrindo portais para Camelot, onde o rei Arthur reinava soberano desde a Idade Média até hoje. E era um rei bondoso e magnânimo no qual todos tinham um exemplo de nobreza e honradez. É verdade que sua ex-esposa, a rainha Guinevere não era muito fiel, mas isso são águas passadas. O rei vive só, mas feliz, porque tem muitos súditos bons e fiéis. E até o mago Merlin recuperou a feiticeira Morgana e vivem juntos, fazendo o bem com suas magias. Agora tudo é belo e harmonioso no Reino.

Carolina fora levada para um desses mundos espirituais, por um dos unicórnios que se afeiçoara à garota. Lá numa grande campina, onde pastavam muitos carneiros, encontrou-se com Thuliel, um elfo da Ordem dos Guardiões das Pradarias Celestiais. Sua cor azul acizentada e suas orelhas pontudas não deixavam dúvida à moça que estava falando com um ser da raça dos elfos e isso a deixava particularmente encantada com aquela criatura que se portava com fidalguia.

- Onde nós estamos? – perguntou aturdida Carolina.
- A leste de lugar nenhum, a oeste de algum lugar. Ao norte de nunca estive lá e ao sul de não existe.
- Nossa Senhora! Como vim parar aqui?
- O unicórnio te trouxe. Você não se lembra, garota?
- Como posso voltar para casa?
- Tantas perguntas... Aproveite a estadia aqui. É o melhor que você

pode fazer no momento. - Carolina calou-se com aquela última resposta do elfo e abaixou-se na grama para sentir o cheiro do orvalho.

- Mais adiante temos flores. Você vai gostar de ver. - disse Thuliel. Até aquele momento a moça não sabia como sabia o nome dele, mas sabia que sabia, isso ela sabia.

Uma variedade imensa de margaridas, violetas e rosas de todas as cores, formas e tamanhos descortinou-se à sua frente quando deu alguns passos no campo. Aquilo era mágico e muito real ao mesmo tempo e a garota ficou boquiaberta com a grande quantidade de sensações proporcionadas pela natureza à sua volta.

De repente uma luz muito brilhante ofuscou tanto Carolina quanto Thuliel. Uma luz que parecia chamar a moça para perto. O elfo balançou as orelhas e percebeu o que a garota sentia.

- Quer ver o que tem do outro lado? - perguntou o ser azul acinzentado.

- Não. Acho que não. - balançou a cabeça Carolina.

No quarto de hospital onde Carolina estava sendo mantida por aparelhos, a moça teve um leve estremecimento. Poderia passar despercebido por muitas enfermeiras mas que foi notado pela mãe dela que logo avisou aos médicos.

- Infelizmente, Dona Paula, isso é uma mera reação involuntária do corpo. Carolina continua em coma.

- Mas ela se mexeu...

- Estaremos atentos à qualquer coisa de diferente que ocorra.

Não se preocupe.

No reino encantado Carolina tinha se afastado da luz e brincava com as flores, fazendo arranjos. Thuliel apenas observava em silêncio.

Bonito era ver que todas aquelas flores falavam. Falavam de um modo especial com a jovem. Diziam:

- Que bom que você nos aprecia. Tenha um feliz dia.
- Obrigada. Para vocês também. Um lindo dia.
- Sabe por que se dá flores nos funerais?
- Não, não sei.
- O mais provável é que o aroma das flores que amenizava o odor do corpo do falecido fosse a razão disso no começo dessa tradição...
- Por que está me dizendo isso?
- Porque talvez logo você receba flores.
- Eu?!?
- Sim, Carolina. Você está lutando, entre a vida e a morte. Mas tememos que essa batalha você irá perder. Olhe para a luz e a siga.

– Não, não, não!!! – gritou Carolina, correndo pelo campo para longe das flores, para longe de Thuliel, para longe da luz, para longe de tudo.

Carolina correu tanto que aproximou-se de uma sala muito escura quase sem iluminação nenhuma. Ali chorou muito e percebeu que suas lágrimas tinham formado um rio que passava ao largo da sala mal iluminada. O rio ia desaguar num abismo ainda mais escuro até onde a garota podia ver. Não sabia precisar quanto tempo passara naquele lugar. Poderiam ser dias, mas davam a impressão de meses e até anos.

– Você parece cansada. Está cansada? – disse um estranho que logo Carolina reconheceu como uma versão piorada do Thuliel, com orelhas muito mais pontudas, um vermelho gritante na pele e um rabo que não parava de balançar.

– Eu estou cansada sim. – respondeu a moça parando de chorar ao ver o elfo remodelado.

- Basta nadar no rio e você irá descansar.
- Não. Eu não quero ir prá lá. Quero ir para a luz.

Imediatamente a realidade à sua volta mudou e a jovem estava de novo no campo. Despediu-se da cadelinha Pitty, dos unicórnios, de Thuliel – de novo em versão elfo “normal” – e das flores. Depois disso foi direto para a luz ofuscante e desmaterializou-se em profunda paz e alegria.

No hospital, onde Carolina estava, mudanças muito significativas também aconteceram. Seus pais decidiram desligar os aparelhos que a mantinham viva por já passar de dois anos que a moça estava em estado de coma. E ninguém saberia dizer o que causou o quê: a vontade da jovem de partir para a luz sendo o alavancar dos últimos acontecimentos da sua vida no nosso plano. Ou o contrário: os acontecimentos na nossa terra material sendo o estopim para o que ocorreu nos mundos espirituais.

**Se Deus existe é o fim do mundo
e se Deus não existe também**

O debate entre o teólogo religioso Hans Andersen que, apesar do nome, era carioca e o cientista ateu Milton Cardoso Alves que era paulista, transcorria bem e até com certa fidalguia e serenidade por parte dos participantes. Até que foi levantada a questão sobre o porquê de nem a ciência conseguir provar a não-existência de Deus, nem a religião conseguir provar a sua existência.

– Permita-me, pelo menos, dizer isso: Se Deus existe, você tem que concordar que Ele não é orgulhoso e se Ele existe também é magnânimo. – começou o teólogo. – Por que permitiu que tanto o seu argumento quanto o meu fossem válidos à luz da razão. Concorda?

– Não. Ninguém está lá no Céu concedendo nada a ninguém aqui na Terra. – objetou o cientista. – Tudo o que o ser humano conquistou, cada milímetro de chão, só existe porque foi conquistado à duras penas pela civilização humana ao longo de milênios e séculos. A partir daí o que se viu foi um festival de verdadeiros gladiadores digladiando, cada um acusando o outro de tentar vilipendiar a discussão pela sua própria perspectiva.

– Ora, Milton, toda essa maravilha, o céu, a terra, o mar, os animais, os insetos, a fauna e a flora não podem ter sido obra do mero acaso, venhamos e convenhamos. Há uma inteligência maior por trás disso. Concorda comigo?

– Não, meu amigo Hans. O planeta Terra é, na verdade, um mero planetóide muito pequeno na periferia da Via Láctea onde milhões e milhões de estrelas e planetas estão presentes no universo. É completamente plausível que um acaso pudesse produzir vida nessa amplitude de incomensurabilidade para falar só do universo conhecido. Ainda existem os buracos negros, por exemplo, dos quais pouco ou nada se sabe.

– Mas então você considera que Deus é generoso, por ter nos dado toda essa abundância à nossa disposição? Sim, porque podemos desfrutar de tudo e sem pagar nada. – Hans arranca risos da platéia no auditório da rádio.

– Não, meu caro amigo. – vem à nova carga, Milton. – Não é verdade que tudo esteja à nossa disposição. No começo de tudo, o seu Deus quis que não nos aproximássemos da maçã, a fruta do conhecimento do bem e do mal. E sabe por que? Porque ele nos queria ignorantes e tacanhos frente ao poder dele. E até hoje é assim, a igreja faz de tudo para que as pessoas não tenham independência. – Milton arranca aplausos da plateia.

A discussão prosseguiu, tendo alguns minutos de pausa entre os turnos nos comerciais da rádio Sintonia Fina. Milton vestia uma camiseta verde com inscrições ecológicas, um casaco marrom e uma calça bege. Estava acostumado às entrevistas e programas nas rádios, havendo ele próprio tido um programa sobre ciências muitos anos atrás. Aquele era o terreno natural do físico. Hans usava barba, vestia uma camisa branca de botão e calça preta. Já havia concedido muitas entrevistas e dado muitos seminários ao longo da vida, mas a rádio não era exatamente o veículo ao qual estava acostumado, mesmo assim saía-se bem apesar dos constantes ataques e defesas de Milton.

Uma série de perguntas fora dirigida a Hans e a Milton, levando-os às respostas mais longas e mais específicas. Podia-se ver que tanto um quanto outro empenhavam-se em montar um universo completo da sua teoria e, com isso, tentavam abarcar todas as dúvidas no seu próprio sistema, excluindo o do adversário.

Quando finalmente acabou, ambos proponentes pareciam insatisfeitos, querendo ampliar e continuar aquela contenda. Os debatedores reuniram-se num canto da estação de rádio para continuar a disputa. Surpreendentemente, a conversa logo se transformou em argumentos conciliadores de parte a parte. Estavam assim tão empenhados no diálogo com as ponderações e conjecturas tendo se alongado tanto, que não viram quando seus auxiliares partiram dali e os deixaram para trás.

Dirigiram-se finalmente para o elevador os dois, Hans e Milton, últimos remanescentes do programa que não faziam parte da rádio.

– Foi uma boa discussão. Acho que o programa teve grande audiência.—disse Hans.

– Sem dúvida – confirmou Milton ao acionar o botão de térreo no elevador.

– Mas o que está acontecendo?!? – gritou Hans quando logo após a porta se fechar e o maquinário começar a se mover, as luzes apagaram-se e o elevador parou.

– Estamos sem energia elétrica. – disse Milton quando as luzes de emergência acenderam-se.

– E agora? O que vamos fazer? – perguntou o teólogo.

– Vamos chamar ajuda pelo celular... e esperar.

– Só isso? Eu tenho claustrofobia. – disse Hans demonstrando grande inquietação. – Não posso ficar aqui.

– Amigo, não sei você, mas eu vou esperar. Quietos.

– Não, não. Você não está entendendo – Mexia os braços insistentemente o religioso. – Eu me sinto mal. Tenho calafrios...

– Paciência, paciência...

Passaram-se 20 minutos e nenhum sinal da energia elétrica e nenhuma resposta nos celulares. O que quer que tivesse acontecido, pensavam ambos, interferia também nos sinais dos aparelhos telefônicos portáteis também.

– Eu quero sair daqui! Eu quero sair daqui! – dizia Hans enfaticamente.

– Eu também quero. Mas ficar exasperado não ajuda em nada. – cortou Milton.

Hans lembrou-se que carregava um pequeno radinho de pilha na sua pasta e o pôs para funcionar. Imediatamente colocou na estação de notícias.

Atenção! Notícia de última hora! O território nacional foi bombardeado por mísseis nucleares. O Congresso Nacional em Brasília encontra-se destruído em chamas. Até o momento não sabemos de onde partiu ou o que motivou o ataque. Centrais elétricas registram falhas em todo o país. Há um apagão na maioria das cidades brasileiras. Os serviços de internet e telefonia móvel também estão comprometidos. A guarda civil orienta para que, por favor, as pessoas não saiam de casa e se estiverem no trabalho não saiam dos prédios.

– Ouviu isso? – falou Hans atônito.

– Inacreditável... – disse Milton.

Logo depois a pilha do rádio acabou e por mais que Hans ligasse e desligasse o aparelho, não funcionava. Longos 30 minutos passaram-se e o teólogo estava nitidamente perdendo o controle dos nervos.

– Não existe mais nada, entendeu? Mais NADA! – disse Hans ainda mais exaltado.

– Calma homem. O Brasil é muito grande. Há muitos lugares para se ir. Afinal de contas, quem bombardeou o Congresso Nacional prestou um serviço ao país. Rsrtrs... Aquele bando de políticos corruptos mereceram o destino que tiveram.

– Não. Você não está entendendo. Se até o Brasil foi atingindo, NÃO EXISTE MAIS NADA! O MUNDO ENTROU EM GUERRA NUCLEAR! – vociferou Hans segurando Milton pela gola da camisa. -- GUERRA NUCLEAAAAAARRRRR!!!!!!!!!!!!!! – Gritou Hans apertando o pescoço de Milton gritando descontroladamente. No afã de se safar da investida do religioso, Milton segurou os braços do homem, mas já era tarde demais... O ataque que Hans empreendia era movido por um desespero atávico devido à claustrofobia e conferia a ele uma força quase duplicada do que ele normalmente usaria. Alguns minutos depois, o corpo de Milton jazia imóvel nos braços de Hans.

Hans estava sozinho com o corpo inerte e se desesperou batendo na porta do elevador até que se deu conta que era um assassino. O homem pediu perdão a Deus e chorou muito, gritando e gemendo alto. Quando sentiu que não podia suportar aquele sentimento de culpa, decidiu executar um plano ainda pior do que o que tinha acontecido. Se o mundo estava perdido numa guerra nuclear, ele não ficaria para ver essa desgraça. Partiria para o céu ou o inferno, ou seja lá o que fosse.

Pegou um canivete e cortou os pulsos com cortes rápidos e profundos. Assistiu o sangue se esvaziar até que faleceu.

Quando os bombeiros finalmente conseguiram trazer o elevador de volta com o restabelecimento da energia elétrica, horrorizaram-se com os corpos de Hans e Milton. Ninguém entendeu o que tinha acontecido.

O programa de rádio que os dois tinham ouvido no pequeno rádio de pilha fora escutado de forma incompleta. Buscava trazer as mesmas sensações que os norte-americanos tinham durante a guerra fria, com o medo de um desastre nuclear aos ouvintes brasileiros. Mas como Hans e Milton não puderam ouvir a íntegra do programa entenderam erradamente a notícia. Por uma incrível coincidência, os celulares ficaram sem sinal durante muito tempo por causa de falhas nas operadoras e por isso a impressão de que o mundo havia afundado numa guerra nuclear fora ainda maior.

Os jornais do dia posterior estampavam a seguinte notícia nas primeiras páginas:

“TEÓLOGO E CIENTISTA SÃO ENCONTRADOS MORTOS APÓS FICAREM PRESOS EM ELEVADOR NO PRÉDIO DA RÁDIO.

Aparentemente os dois estavam sós no elevador e o teólogo matou o cientista por asfixia e depois cortou os pulsos. Sabe-se que Hans Andersen sofria de claustrofobia. Talvez o religioso tenha perdido o controle dos nervos, matado Milton Cardoso Alves e depois cometera suicídio, mas não se conhecem os reais motivos. Ambos haviam participado de um programa na rádio com um acalorado debate sobre a existência ou não de Deus.”

Raça de deuses

A história me veio a cabeça num átimo de pensamento. Eu estava muito impressionado com o *revival* dos deuses na cultura contemporânea e queria escrever algo nesse sentido. Aquilo era uma afronta aos ditames judaico-cristãos sobre os quais estava alicerçada a nossa cultura. O que só tornava a minha tarefa mais empolgante. Como escritor de fantasia não poderia deixar passar essa oportunidade. Rsrrsrs. Ajeitei os óculos no rosto e comecei a digitar:

Preâmbulo . Divindade Perdida e Encontrada

Arturian circulava em vôo, pela tangente da Abóbada Celeste esperando pelo chamado do Grande Celestial para iniciar a reunião com os treze guardiões. Como não fora chamado logo, começou a voar mais rápido por entre a tangente da Abóbada tentando verificar sua capacidade direcional em vôo para futuras necessidades. Arturian era o que os antigos chamavam, um deus. Ele provinha de uma raça alienígena que há muito povoara o planeta Terra com híbridos entre os terráqueos, os chamados semi-deuses. Nem ele e nem mesmo o Grande Celestial sabiam exatamente como tinha começado esse povoamento, apesar de seu tempo de vida ser bastante longo, girando em torno dos 1000 anos. Ainda restava-lhe uma eternidade para viver. Perdia-se no tempo as passagens das escrituras que relatavam Eva ter comido da maçã proibida, ou seja, ter copulado com um deles e assim ter começado a raça dos mortais do modo que é hoje. Com o dilúvio todos esses semi-deuses tinham morrido. Agora um novo início teria lugar.

– Arturian – chamou o Grande Celestial por telepatia aparecendo para ele como uma imagem holográfica na sua frente no meio do céu.

– Sim, ó Grande Celestial. Aqui estou.

– Não há tempo para reunir os treze guardiões. Você deve partir para o planeta Terra sozinho e cumprir o combinado. Você será o primeiro.

– Sim, ó Grande Celestial. Irei assim que me for dada permissão.

– Permissão concedida. Que bons agouros o acompanhem.

O tempo era tempestuoso e grandes nuvens negras aproximavam-se de Arturian quando ele partiu para a Terra. Decidido a cumprir a missão o mais rápido possível, foi veloz no seu vôo e chegou à estratosfera em minutos, vindo do espaço sideral. Porém, a sorte não estava do seu lado e vários raios, relâmpagos e trovões estalavam no céu. Ele não dava atenção à fúria da natureza e voava cada vez mais rápido quando um raio o atingiu em cheio, levando-o a inconsciência; caiu do céu como um pássaro ferido numa região desabitada do interior de Minas Gerais. Ele estava em Varginha e a origem da lenda urbana do ET de Varginha tem início a partir desse acontecimento. Digo isso, porque Arturian tinha perdido a memória completamente. O raio tinha lhe tirado toda a lembrança dos acontecimentos passados de sua vida e ele não tinha idéia do que estava fazendo no planeta Terra. Sentia-se como um enjeitado pela existência, não sabia quem era nem o que fazia para viver. Apesar disso tudo, sabia que tinha poderes, que podia criar coisas do nada, como deus que era (e não se lembrava). Criou então, uma criatura para caçar para ele, o que ficou conhecido como o chupa-cabras na região.

Com o passar do tempo, percebeu que podia criar coisas melhores do que um chupa-cabras, ele podia criar dinheiro, um carro, roupas, uma conta bancária, um cartão de crédito, todas essas coisas.

Dirigiu-se para o Rio de Janeiro, uma cidade grande, com inúmeras possibilidades, a fim de descobrir quem era e o que fazia nesse mundo.

Ao chegar lá, como podia criar o que quisesse, instalou-se na cidade como comerciante de antiguidades. Adotou o nome falso de William Lima da Silva. Prosperou por um bom par de anos. E até casou-se com uma humana, uma bibliotecária, de nome Beatriz. Eles tiveram um filho e Arturian, digo William, era feliz, apesar de não se lembrar de seu passado.

Uma noite estava dormindo em seu casarão e teve um sonho. Sonhou que era um deus e que tinha uma missão a cumprir determinada pelo Grande Celestial. Mas a missão era realmente incrível, algo que ele não podia sequer imaginar. Acordou esbaforido, suando frio. Sua esposa acordou também e perguntou-lhe o que tinha acontecido.

– Nada, Beatriz. Não foi nada. Só um sonho ruim. – disse Arturian.

Mas levantou-se naquela madrugada e dirigiu-se ao quarto de seu filho. O rebento dormia calmamente. Ao olhar para o rosto da criança lembrou-se da sua missão. Agora ele sabia o que tinha vindo fazer na Terra.

Pegou papel e caneta e pôs-se a escrever para Beatriz.

“Minha esposa,

Não peço que você entenda os reais motivos da minha partida hoje. Até para mim mesmo, esses motivos são novos. Recuperei minha memória à poucas horas e ainda não processei tudo na minha mente. Porém tenho que dizer que ter um filho com você foi a melhor coisa que pude fazer aqui na Terra. Beatriz, eu sou um deus, eu sei que é difícil para você entender isso, mas enfim, é a verdade. Meu nome é Arturian e não William como você me conhece. Só conto isso agora, porque só agora me veio à mente a recordação desses fatos.

A essa hora, milhões de outros deuses da Abóbada Celeste estão sendo enviados como mensageiros. Logo a Terra estará povoada de híbridos e quando assim for, retomaremos o seu controle. Uma nova era de deuses cultuados pelos homens estará iniciada. E o homem respeitará os ciclos dos deuses como na Antiguidade.

Cuide bem do nosso filho. Ele deve saber do seu pai somente quando atingir a juventude. Aí eu e os outros deuses retornaremos, a fim de que se cumpra a vontade do Grande Celestial.“

No dia seguinte, Arturian já não se encontrava mais no Planeta Terra. Voltara para os seus na Abóbada Celeste. Sua missão estava completada.

FIM.

Quando acabei de digitar, me veio à cabeça que Arturian, assim como os outros deuses, estavam retomando um terreno que era deles em primeiro lugar e que a religião dogmática do Deus único tinha retirado de cena. Tomei um café e me preparei para escrever um romance. Aquele seria um início perfeito para uma aventura em três tomos de duzentas páginas cada um. Infância, Juventude e Maturidade de William Júnior, ou melhor, Arturian Júnior.

Os dias foram se passando com enorme rapidez prá mim e eu não via a hora de retomar os meus escritos. No entanto, quando finalmente estava sentado em frente ao computador, as horas passavam mais rápido ainda. Eu mal conseguia digitar alguns parágrafos e já era hora de voltar aos estudos da escola. Mas mesmo nesses poucos intervalos, eu escrevia. Aqui está o resultado:

Tomo 1 . Infância

Os três primeiros anos de vida de Arturian Junior, ou melhor, William Junior passaram-se sem atropelos. Ele era uma criança alegre e feliz e sua mãe Beatriz era muito cuidadosa e contente com o filho, embora um pouco triste com a partida do esposo. O homem deixara-lhe uma carta muito estranha no quarto da criança. Isso foi tudo que ela teve de William e já tinham passado dois anos. Não que a moça não acreditasse no que dizia a carta, ela fazia força para acreditar, mas, por vezes, duvidava da sanidade mental do seu marido.

O tempo de William ir para escola chegara. Ele já contava com 6 anos de idade e estava no ano da sua alfabetização. Mostrou-se um excelente aluno, tanto que aprender a ler e a escrever não era bem o que dava-lhe sentido para ir à escola. O que mais movimentava a sua cabeça era a análise dos textos, a sua compreensão. E quanto mais complexos, mais o menino saía-se bem.

Logo o garoto foi levado para um teste de QI, onde constatou-se a sua grande inteligência. Fora matriculado, então, num colégio para superdotados. Lá pôde desenvolver todo o seu potencial.

Não raro dava aulas aos próprios professores os quais teriam que instruí-lo, acabavam é aprendendo com o menino. Beatriz era muito orgulhosa do filho e costumava dizer: “Esse é um menino de ouro.”

O garoto perguntara à mãe várias vezes sobre o seu pai. Ao que Beatriz respondia que ele tinha partido, mas não sabia para onde nem porquê. O menino aceitou aquilo como verdade e a partir de certa idade não questionou mais sobre o pai.

Não me pergunte como fui capaz de escrever duzentas páginas dessa história. Simplesmente enchi o romance com relatos e estórias curiosas sobre as aventuras e desventuras do menino superdotado. Ao fim daquilo tudo, eu já estava enfadado com aquela narração. Sabe como é, as ideias novas sempre são melhores e as ideias antigas quase sempre não empolgam, nós, escritores.

Só fui recuperar o ânimo com a história depois que comecei o Tomo 2. Então, vamos a ele.

Tomo 2 . Juventude

Aqui é que as coisas começaram a se complicar mais para o lado de William Júnior. Porque foi a partir dessa idade, 17, 18 anos que o rapaz começou a experimentar os seus poderes de semideus.

Certo dia, estava jogando futebol com os amigos quando percebeu que, a seu comando mental, a bola vinha na sua direção, levitando. “A bola procura o craque” é o que costuma-se dizer nos meios futebolísticos, mas não era bem essa a questão. A questão é que William Júnior usava de telecinese.

Saber que era capaz de levitar objetos a partir de telecinese não era nada, comparado com saber que o rapaz era capaz de voar. E isso ele descobriu quando estava praticando esporte com o skate na arena da escola. Esperava ansiosamente a sua vez de participar. Quando chegou a sua vez, fazia manobras cada vez mais radicais com o seu skate e todos

aplaudiam. De repente numa manobra arriscada perdeu o equilíbrio e parecia que ia cair, até que levitou e literalmente voou por sobre toda a arena.

A partir daí a sua mãe teve que dizer ao rapaz o que tinha acontecido com o seu pai. Contou o que tinha ocorrido numa certa noite e mostrou a carta ao jovem. William Júnior ficou bastante impressionado e perguntou à sua mãe se aquilo fazia dele um semideus? Beatriz confirmou e, diante do fato de que ele tinha certos poderes, aquilo tinha que ser a verdade.

O Tomo 3 tinha que ser a conclusão fatural do que acontecia com Júnior, ele deveria formar um grupo de semideuses em torno de todo o planeta e tornar-se senhor do mundo junto com os outros. Porém um trágico acontecimento mudou a minha estória. Eu estava terminando de digitar a parte, justamente quando o pai de Júnior voltava para a Terra e estava para vir uma tempestade daquelas. Muitos raios, trovões e já começava a cair água. Foi quando um pico de luz, originário de um raio, como acontecera com Arturian, quando o deus veio para a Terra, pôs tudo a perder. Como eu não tinha instalado o meu estabilizador ainda, o pico de luz queimou meu computador. Eu tinha salvo a minha estória num pen drive e poderia recuperá-la facilmente. Mas aquilo me ensinara uma lição. Uma lição que eu esperava ter aprendido. Vamos ao Tomo 3.

Tomos 3 . A Maturidade

Aos 39 anos de idade, Júnior convivia com os seus poderes da melhor forma que podia. Escondia de todos e de tudo. Porque se a mídia ficasse sabendo daquilo, a sua vida teria tornado-se um inferno, disso ele tinha certeza.

Muita coisa tinha acontecido, ele tinha casado e descasado duas vezes. As suas ex-esposas sempre o largavam quando ele vinha com a história de semideus e de que seu pai era um deus. Ele quase tinha sido internado numa clínica psiquiátrica, uma vez, por uma das suas ex-esposas, por insistir naquela história.

Um belo dia, num ensolarado dia, recebeu um telefonema de uma pessoa que dizia estar em frente a porta do seu apartamento. Uma pessoa que dizia o conhecer de longa data, mas que talvez não fosse reconhecida. A voz não parecia estranha no celular e ele atendeu a porta.

Para sua surpresa a pessoa era uma semideusa que passou a narrar todas as descobertas da sua vida para Júnior, desde que era uma garotinha até a sua maturidade. A moça contava com 36 anos de idade. Tinha estudado com Júnior na mesma escola para superdotados.

A mulher disse também que havia outros como eles e que Júnior seria escolhido como líder deles na empreitada de, simplesmente, “sermos os senhores do Planeta Terra” nas palavras dela. Júnior achou aquilo muito estranho, mas a seguiu até onde estavam os outros semideuses.

Ao chegar lá qual não foi sua surpresa ao ver 20 pessoas com as mãos dadas formando um círculo num galpão abandonado do subúrbio da cidade. Eles diziam que Júnior deveria ficar no centro do círculo, porque tinha sido o primeiro deles. Júnior não gostou muito da ideia mas concordou. Uma grande luz foi se formando e pela janela do galpão via-se um enorme rasgo no céu. A luz emanada dos vinte e de Júnior também destruiu o teto do galpão e de lá surgiu Arturian, seu pai, juntamente com o Grande Celestial.

– Sereis os senhores desse planeta a partir de agora. Meu filho, você será o líder.

– Por que? -- perguntou Júnior.

– Porque assim se concretizará a volta dos deuses do Olimpo ao planeta Terra. – respondeu seu pai.

– Então eu sou o líder?

– Sim, meu filho.

– Então eu ordeno que parem com todo esse plano.

– Por que meu filho?

– Aos seres humanos deve ser dada a decisão do livre arbítrio.

– Os humanos são grotescos. Maldosos, cruéis, covardes e canalhas com seus próprios semelhantes. – retrucou Arturian.

– As pessoas não precisam ser inocentes para serem protegidas. – discordou Júnior.

- Protegidas por quem?
 - Protegidas por quem detém o poder de protegê-las. Se nós somos os únicos ou se existe um Deus Todo-Poderoso, isso não importa.
 - Mas, Júnior...
 - Arturian já ia falar de novo, quando o Grande Celestial o interrompeu.
 - O seu filho fala com sabedoria, Arturian.
 - Mas, Grande Celestial..
 - Não, Arturian. Ouça o seu filho. Podemos tentar de novo daqui a uma eternidade.
 - Está bem.
-

Mais 200 páginas e, estava, enfim, completada a aventura.

Tudo acaba bem quando termina bem. Mas peraí, não terminou nada bem. Eu ainda não publiquei meus três livros, não ganhei prêmios, não dei autógrafos, entrevistas, não fui considerado o Nobel da Literatura. Enfim, não fiquei famoso.

Bom, deixa prá lá. Tomara que, pelo menos, o leitor tenha aprendido a lição, porque eu aprendi a minha. Nunca escreva duzentas páginas se pode terminar a sua história em poucas linhas.

Mas ainda havia aquela história sobre vampiros. Sim, seres sobrenaturais, carregados de sombra na própria existência ou na não-existência. Isso daria mais 300 páginas de aventura em três tomos cada um. Ajeitei meus óculos no rosto e comecei a digitar.

[Notas]

Contexto dos contos

Os contos *A magia por testemunha*, *Truculências da morte*: essa nossa eterna companheira, *Hirochi*, *Merda*, *Afinal é o fim do mundo sim*, *mas nem tudo está perdido* e *Dias passados de um futuro esquecido* foram escritos no âmbito do *Desafios dos Escritores*, atividade do Núcleo de Literatura da Câmara dos Deputados de Brasília com a orientação do professor Marco Antunes.

O conto *Raça de deuses* é dedicado à memória da professora Selma. Professora de Português do Externato João Caetano do Alcântara em São Gonçalo – RJ.

[Biografia do autor]



Mauricio Duarte é natural de Niterói, RJ. Escritor, poeta , artista plástico e ilustrador, Mauricio é formado em Desenho Industrial – Programação Visual na Escola de Belas Artes da UFRJ. Publicou sob demanda, em 2008, o livro *Anti-arte . experimentos em artes visuais e poesia conspiracional*. Fez parte do Catálogo Biennali Del Libro d´artista da LineaDarte em Nápoles, na Itália em 2009. Já participou de duas exposições virtuais coletivas na Galeria Monalisa: *Talentos 2010* e *Formas e Cores* em 2011. Teve sua obra publicada no Catálogo Anuário Brasileiro de Artes Plásticas Consultave da Editora Roma, em São Paulo, 2011. Teve

sua biografia incluída no livro Perfis Biográficos de artistas gonçalenses pela São Gonçalo Letras e Prefeitura de São Gonçalo em 2011. Participou da exposição Livre para Criar, em 2011, da Nossa Galeria de Arte e da exposição virtual coletiva Legado da Arte no ano de 2013. Atualmente faz parte do catálogo online da Nossa Galeria de Arte. Tem duas antologias de contos publicadas sob demanda: Conspiração Literária e Conspiração Quadrinhográfica, além das coletâneas de poemas, Poesia Brutista, Simultaneísta e Estática e Pedacos de uma vida. Concluiu o curso de Produção Textual com a poeta Maria Regina Moura na editora Canteiros. Foi premiado pela ABD com medalhas de prata e de destaque concernentes a sua participação em salões de arte e literatura como poeta. Foi premiado também com a menção honrosa em poesia no XXXV Concurso Hermandos Continentes da Argentina. Teve poemas premiados relativos ao 2o. lugar no 12o. Prêmio Nacional de Poesia - Cidade Ipatinga no âmbito do 14o. Circuito de Literatura do Clube de Escritores de Ipatinga . 2015. Foi selecionado para publicação na coleção Sementes Líricas com o livro de bolso Vozes que calam . poesia em Concurso da Editora Literacidade. O artista já foi colunista do site No Mundo e Nos Livros onde realizava contribuição bimestral para coluna sobre artes visuais e literatura. Atualmente é colunista do site Divulga Escritor. Membro Correspondente da Academia de Letras de Teófilo Otoni. Membro da SAL (Sociedade de Artes e Letras de São Gonçalo) e Membro Acadêmico da cadeira 18 da Academia de Letras Virtual do Grupo Intenção e Gestos. Na atualidade é estudante do curso à distância de Pós-Graduação (lato sensu) em Docência do Ensino Superior da Universidade Dom Bosco no Portal Educação.

Este livro foi composto
em Berlin Sans FB,
corpo 9, 10, 12 e 15
e em Andalus, corpo 26 e 13
na cidade de São Gonçalo - RJ,
no inverno do ano de 2016.

